

Egito - Um papiro relata o aparecimento de um OVNI na Antiguidade



Um papiro egípcio de três mil e quinhentos anos pode conter o relato escrito mais antigo alguma vez conhecido sobre a observação de objetos não identificados. Mas este documento capital — e inencontrável — terá sequer existido?

O ano 22 do reinado: uma manhã que não era ordinária

No vigésimo segundo ano do reinado de Tutmósis III, no terceiro mês do inverno, à sexta hora do dia — ou seja, por volta do meio-dia segundo a divisão solar do Egito antigo —, os escribas da «Casa da Vida» observaram algo invulgar no céu. O que viram derrubou-os ao chão. Prostraram-se, e depois correram a avisar o Faraó.

A Casa da Vida — o *Per Ankh* — não era um simples escritório. Era a instituição intelectual mais elevada do Egito, o lugar onde astrónomos, médicos e teólogos trabalhavam lado a lado sob a proteção de Tot, deus do conhecimento. Os homens que observaram o fenómeno eram, segundo os critérios da sua época, as testemunhas mais qualificadas que podiam existir.

Eis a tradução do texto tal como foi estabelecida pelo príncipe Boris de Rachewiltz nos anos cinquenta:

«No ano 22, no terceiro mês do inverno, à sexta hora do dia, os escribas da Casa da Vida avistaram um círculo de fogo que descia do céu. Não tinha cabeça; da sua boca emanava um hálito fétido. O seu corpo media um côvado de comprimento e um côvado de largura. Não emitia nenhum som. Os corações dos escribas ficaram perturbados e lançaram-se de bruços. Foram dar conta ao Faraó. Sua Majestade ordenou que fossem consultados os rolos conservados na Casa da Vida.»

Poucos dias depois, segundo o mesmo texto, os fenómenos multiplicaram-se ao ponto de superar em brilho a luz do sol e invadir «os quatro ângulos do céu». O exército do Faraó observou-os em formação. Peixes e pássaros caíram do céu. O faraó mandou queimar incenso, ordenou que o acontecimento fosse consignado para a eternidade nos Anais da Casa da Vida, e declarou aquele dia digno de ser recordado.

Tutmósis III, o Napoleão dos faraós

Para compreender o peso deste testemunho, é necessário situar o seu contexto. Tutmósis III — também escrito Thutmose ou Tuthmosis — é considerado pelos egiptólogos como um dos maiores soberanos que o Egito antigo conheceu. O seu reinado oficial estende-se de cerca de 1479 a 1425 antes da nossa era, embora tenha primeiro exercido uma co-regência sob a tutela da sua madrastra Hatshepsut durante quase vinte e dois anos.

Apelidado o «Napoleão do Egito antigo», conduziu dezassete grandes campanhas militares, estendendo o império do Nilo até ao Eufrates a norte e até à quarta catarata do Nilo a sul. A sua vitória na batalha de Megido em 1457 antes da nossa era — cujo relato foi gravado nas paredes do templo de Karnak pelo seu secretário pessoal Tjaneni — continua a ser uma das primeiras batalhas documentadas da história da humanidade.

É, portanto, um homem habituado às proezas militares, à grandeza e à observação do mundo, que se encontrou perante o céu em chamas daquele misterioso inverno. Que este faraó, que havia mandado erigir estelas do Eufrates ao Sudão, considerasse o fenómeno aéreo suficientemente notável para o imortalizar nos seus anais oficiais diz algo sobre a intensidade do que os seus escribas relataram.

Alberto Tulli e o bazar do Cairo

O papiro não teria entrado no conhecimento moderno sem um incidente ocorrido em 1933 num bazar do Cairo. Alberto Tulli, então diretor da secção egípcia dos Museus Vaticanos, deambulava entre os antiquários quando terá descoberto um fragmento de papiro contendo, segundo ele, uma sequência dos Anais de Tutmósis III. O preço pedido ultrapassava os seus meios. Mandou então fazer à mão uma cópia do texto, substituindo o script hierático original por hieróglifos, procedimento então corrente nos meios eruditos.

Tulli regressou a Roma com a sua transcrição. O papiro original ficou no Cairo nas mãos de um comerciante apelidado «Tano» — presumivelmente Phokion J. Tanos, reputado antiquário da cidade. O que aconteceu depois ao documento original permanece desconhecido.

À morte de Alberto Tulli, os seus papéis foram legados ao seu irmão, um sacerdote do Palácio de Latrão. Quando esse irmão morreu por sua vez, os seus bens foram dispersos entre vários herdeiros. A transcrição do papiro volatilizou-se nessa sucessão.

O príncipe de Rachewiltz entra em cena

Foi em 1953 que o caso ressurgiu. O príncipe Boris de Rachewiltz — erudito ítalo-russo, egiptólogo autodidata e, por afinidade, genro do poeta Ezra Pound — afirmou ter encontrado entre os papéis do falecido Tulli a famosa transcrição. Publicou uma tradução em *Doubt*, o jornal da Fortean Society, e declarou que o texto fazia parte integrante dos Anais de Tutmósis III.

Rachewiltz precisou que a retranscrição do hierático para hieróglifo havia sido efetuada não pelo próprio Tulli, mas pelo Dr. Étienne Drioton, reputado egiptólogo e então diretor do Serviço de Antiguidades do Egito. O nome de Drioton conferia um aval científico considerável à empresa.

Uma segunda tradução independente foi realizada pelo antropólogo norte-americano R. Cedric Leonard, que falou de «discos ardentes» onde Rachewiltz evocava «círculos de fogo» — uma divergência menor que testemunha menos uma contradição do que a complexidade da língua hieroglífica, cujos sinais podem receber várias interpretações consoante o contexto ritual ou astronómico.

A cadeia das dúvidas

A história do Papiro Tulli é também a de uma cadeia de intermediários que ninguém pode hoje verificar. Em 1968, o

investigador Samuel Rosenberg, encarregado de redigir uma secção do relatório Condon sobre os ovnis, telegrafou ao Vaticano para obter esclarecimentos. A resposta de Gianfranco Nolli, então inspetor da secção egípcia dos Museus Vaticanos, foi lapidar: «*O papiro Tulli não é propriedade do Museu Vaticano. Encontra-se atualmente disperso e já não é localizável.*»

Mais grave ainda, Rachewiltz admitiu mais tarde nunca ter tido o papiro nas mãos, reconhecendo que a sua tradução se baseava em notas tomadas por Tulli durante uma breve consulta do documento em casa de «Tano» no Cairo em 1934. Não se tratava, portanto, de um papiro, nem sequer de uma cópia completa, mas de uma tradução de uma transcrição de notas de uma consulta de um documento original hoje desaparecido. Os ufólogos Jacques Vallée e Chris Aubeck, na sua obra de referência *Wonders in the Sky* (2010), qualificaram sem rodeios este dossiê de mistificação.

Rosenberg foi mais longe, sugerindo que o texto poderia ser um empréstimo disfarçado do Livro de Ezequiel — as «rodas de fogo» da visão profética do texto bíblico apresentando um parentesco inquietante com os «círculos de fogo» do Papiro Tulli. Outros investigadores, menos categóricos, avançaram hipóteses naturais: cometa rasante, meteorito boreal, fenómeno elétrico do tipo fogo de Santelmo amplificado pela atmosfera do delta do Nilo.

O que o texto diz e não diz

Para além das disputas sobre autenticidade, o próprio texto merece uma leitura atenta. Vários detalhes chamam a atenção do analista. Em primeiro lugar, a ausência de cabeça: em hieroglífico, descrever um objeto sem cabeça equivale a indicar que não tem parte diretriz visível — uma formulação dificilmente aplicável a um cometa ou a um meteorito, que apresentam uma trajetória identificável. Depois, o odor fétido: esta precisão sensorial inesperada não figura nas descrições astronómicas habituais dos astrónomos egípcios, que se centravam em formas, cores e movimentos, nunca em emanções. Por fim, a duração do fenómeno: a aparição prolongou-se durante vários dias, o que exclui a maioria dos fenómenos meteóricos instantâneos.

A medida de um «côvado» — cerca de 52 centímetros segundo o padrão egípcio da época — sugere um objeto de aparência relativamente contida, talvez apreciado a partir do solo a baixa altitude. Alguns investigadores assinalaram que a descrição de um objeto «sem voz» traduz uma surpresa real: os escribas esperavam um ruído, e não ouviram nenhum.

Um fantasma na história da ufologia

Seja qual for a verdade sobre a sua origem, o Papiro Tulli adquiriu uma existência própria na mitologia do inexplicável. É citado em dezenas de obras consagradas às observações históricas de ovnis, apresentado frequentemente como a peça-mestra de um dossiê antigo de contacto extraterrestre. Zecharia Sitchin, autor das controversas *Crónicas da Terra*, afirmou mesmo — sem jamais apresentar provas — que Tutmósis III teria sido embarcado a bordo de um desses aparelhos celestes.

Não deixa de ser verdade que o documento ilustra uma realidade mais ampla: desde a Antiguidade, os seres humanos olharam para o céu com um espanto misturado de terror, e os escribas mais instruídos foram por vezes incapazes de nomear o que viam. Fosse em Nuremberga em 1561, na Nova Zelândia em 1909 ou no céu de Boston em 1639, o céu sempre teve os seus segredos — e guarda-os bem.

O Papiro Tulli, autêntico ou não, encarna esta verdade fundamental: a humanidade procura respostas lá em cima há muito mais tempo do que está disposta a admitir.

Documento de arquivo: Tradução do Papiro Tulli

Tradução do príncipe Boris de Rachewiltz, publicada em Doubt, n.º 41, 1953

«No ano 22, no terceiro mês do inverno, à sexta hora do dia, os escribas da Casa da Vida avistaram um círculo de fogo que descia do céu. Não tinha cabeça; da sua boca emanava um hálito fétido. O seu corpo media um côvado de comprimento e um côvado de largura. Não emitia nenhum som. Os corações dos escribas ficaram perturbados e lançaram-se de bruços. Foram dar conta ao Faraó. Sua Majestade ordenou que fossem consultados os rolos conservados na Casa da Vida. Passados alguns dias, essas coisas tornaram-se mais numerosas no céu. O seu esplendor superava o do sol e estendia-se aos quatro ângulos do céu. O exército do Faraó contemplava-os com ele no meio deles. Era após o jantar. Depois esses círculos de fogo subiram mais alto no céu e dirigiram-se para sul. Peixes e pássaros caíram do céu. Uma maravilha nunca vista desde a fundação da sua terra [...] E o Faraó mandou queimar incenso para estabelecer a paz com a Terra [...] e ordenou-se que o que havia acontecido fosse escrito nos Anais da Casa da Vida para que fosse recordado para sempre.»

OVNI - 27 juin 2026 - Wakonda - CC BY 2.5